



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

THIAGO HENRIQUE MOTTA

RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA EM LIVROS DIDÁTICOS:
MARCAS DA ORALIDADE

Rio de Janeiro, RJ

2024

THIAGO HENRIQUE MOTTA

RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA EM LIVROS DIDÁTICOS:
MARCAS DA ORALIDADE

Monografia de graduação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel

Rio de Janeiro, RJ

2024

CIP - Catalogação na Publicação

M921r Motta, Thiago Henrique
Relação entre fala e escrita em livros didáticos:
marcas da oralidade / Thiago Henrique Motta. -- Rio
de Janeiro, 2024.
27 f.

Orientador: Marcos Vinicius Scheffel.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. Língua portuguesa -- estudo e ensino. 2.
Letramento. I. Scheffel, Marcos Vinicius, orient.
II. Título.

THIAGO HENRIQUE MOTTA

RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA EM LIVROS DIDÁTICOS:
MARCAS DA ORALIDADE

Monografia de graduação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Data da avaliação: 17/05/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS VINICIUS SCHEFFEL**
Data: 17/05/2024 15:29:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

NOTA: 8,5

Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel (orientador)
Faculdade de Educação – UFRJ

Documento assinado digitalmente
 **ANDRE LUIS MOURAO DE UZEDA**
Data: 17/05/2024 15:35:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

NOTA: 8,5

Prof. Dr. André Luís Mourão de Uzêda (leitor crítico)
Colégio de Aplicação – UFRJ

RESULTADO: APROVADO

MÉDIA: 8,5

RESUMO

O objetivo principal desta monografia foi analisar criticamente o tratamento dado por livros didáticos de língua portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental à relação entre as marcas de oralidade e a escrita. Justifica-se por proporcionar reflexão a professores sobre a validade em investigar os fenômenos linguísticos oriundos da fala a fim de controlar suas influências que resultam em desvios na escrita, objetivando o aprimoramento das habilidades de leitura e escrita de alunos. Como procedimento de pesquisa, adota-se a revisão bibliográfica de abordagem qualitativa. Para tanto, consultamos dois livros didáticos aprovados pelo PNLB 2020-2023, tendo como base teórica os estudos de Camara Jr. (2002 [1956]), Callou e Leite (2009 [1990]), Marcuschi (2008, 2010) e Mikaela Roberto (2016). Estes autores fornecem obras de referência em fonética, fonologia, processos fonético-fonológicos ou em aquisição da escrita. Nossa pesquisa se baseou em quatro perguntas: 1: A oralidade dispõe espaço razoável no livro didático do último ano do ensino fundamental? 2: Processos fonético-fonológicos são utilizados em representação à oralidade nos livros didáticos? 3: Os conteúdos selecionados se enquadram em alguma das três recomendações dispostas no tratamento da 'relação entre fala e escrita' da BNCC? 4: Qual categoria de processos fonético-fonológicos foi a mais recorrente? Os resultados, por sua vez, indicaram que os dois volumes analisados proporcionaram considerável quantidade de dados sobre gêneros orais; em relação aos processos fonético-fonológicos, constatou-se maior recorrência das categorias que comportam os tipos relacionados à acentuação gráfica indicativa de tonicidade ou de crase.

Palavras-chave: Oralidade; Livros didáticos; Ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

The main objective of this monograph was to critically analyze the treatment given by Portuguese language textbooks for the 9th grade of Elementary School to the relationship between oral and written marks. It is justified by providing teachers with reflection on the validity of investigating linguistic phenomena arising from speech in order to control their influences that result in deviations in writing, aiming to improve students' reading and writing skills. As a research procedure, a bibliographic review with a qualitative approach was adopted. To this end, we consulted two textbooks from the last year of Elementary School, having as a theoretical basis the studies of Camara Jr. (2002 [1956]), Callou and Leite (2009 [1990]), Marcuschi (2008) and Mikaela Roberto (2016). These authors provide reference works on phonetics, phonology, phonetic-phonological processes or writing acquisition. Our research was based on four questions: 1: Does orality have a reasonable space in the textbook for the last year of elementary school? 2: Are phonetic-phonological processes used to represent orality in textbooks? 3: Does the selected content fit into any of the three recommendations on the treatment of the 'relationship between speech and writing' by the normative document? 4: Which category of phonetic-phonological processes was the most recurrent? The results, in turn, indicated that the two volumes analyzed provided a considerable amount of data on oral genres; in relation to phonetic-phonological processes, there was a greater recurrence of the categories that include types related to graphic accentuation indicative of stress or crasis.

Keywords: Orality; Textbooks; Teaching Portuguese language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Caput e tira sobre variação linguística, constante da pág. 34.....	16
Figura 2. Exemplos de desvios ortográficos em razão da pronúncia, constante da pág. 35. ..	17
Figura 3. Início da abordagem sobre abreviação vocabular, constante da pág. 43.	22

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Tratamentos práticas orais - Relação entre fala e escrita - BNCC.....	11
Quadro 2. Processos por eliminação ou fusão de segmento(s)	14
Quadro 3. Processos por acréscimo de segmento.....	15
Quadro 4. Processos comuns por mudança de posição do segmento, do acento ou de qualidade	15
Quadro 5. Exercício sobre sílaba tônica em palavras suscetíveis a desvio fonético	18
Quadro 6. Trecho de: Artur Azevedo. Artur Azevedo. São Paulo: Global, 2014. p. 325-326	18
Quadro 7. Fragmentos de: Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho. Baseado na obra de Carlos Alberto Soffredini. <i>Hoje é dia de Maria</i> . São Paulo: Globo, 2005. p. 223-226 (grifos nossos).....	19
Quadro 8. Atividade sobre concordância verbal e variação linguística, na pág. 169.....	20
Quadro 9. Patativa do Assaré. Ispinho e fulo. São Paulo: Hedra, 2005. p. 25-26. (grifos nossos).....	20
Quadro 10. Trecho da explicação sobre estrangeirismos.....	21
Quadro 11. Atividades sobre abreviação vocabular, com respostas da versão do professor..	22
Quadro 12. Atividades da seção <i>A língua não é sempre a mesma</i>	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA	8
2.1	RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS	11
2.2	PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS.....	13
3	METODOLOGIA E DADOS	16
3.1	LIVRO DIDÁTICO 1	16
3.2	LIVRO DIDÁTICO 2	21
4	ANÁLISE	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O letramento¹, enquanto prática pedagógica de uso da língua escrita, direciona o ensino de língua portuguesa. Desse modo, a importância da oralidade para o desenvolvimento da leitura e da escrita nem sempre é reconhecida. A propósito, a aquisição da língua materna normalmente precede a alfabetização. Considerando que ambas as modalidades da língua não são estanques nem dicotômicas (cf. Marcuschi, 2010), entendemos que observar a relação entre fala e escrita em livros didáticos fornece um panorama desta integração no ensino.

Em 2011, o reconhecimento de variantes populares da língua em um livro didático gerou repercussão midiática em nível nacional (Dourado, 2011), por supostamente ensinar errado. O material se tornou objeto de apuração, mas “o Ministério Público Federal (MPF) arquivou o inquérito civil instaurado contra o Ministério da Educação (MEC) para apurar irregularidades na distribuição para turmas de jovens e adultos do livro didático *Por uma vida melhor*” (Estado de Minas, 2011). Apesar das incompreensões do caso mencionado, abordar as marcas da oralidade no ensino de língua portuguesa não significa admitir a sobreposição da oralidade na escrita: ao contrário, tem o caráter de estipular as diferenças.

As marcas de oralidade previsíveis na língua podem ser sistematizadas em processos fonético-fonológicos, que são formas diferentes de pronunciar o mesmo vocábulo. Esta variação fonética nas palavras é aspecto da modalidade oral da língua e não se aplica à modalidade escrita da língua que cabe à escola ensinar. A língua na sua forma oral produz inevitável variação fonética, e observando este aspecto específico da fonologia lidamos com a conexão entre a língua oral e a escrita. Ao fim do Ensino Fundamental, o estudante já lidou com as principais normas da escrita: morfológicas, sintáticas, fonológicas. Portanto, consideramos válido o debate do lugar do ensino entre a variação oriunda da fala e a escrita, na missão de desenvolver as habilidades de leitura e escrita de alunos.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), em todas as suas modalidades, abrange, entre outras etapas, a seleção e a entrega das obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, para instituições da Educação Básica² públicas ou sem fins lucrativos conveniadas. Em nossa perspectiva, proteger o PNLD de interferências externas passa por reiterar a autonomia dos especialistas responsáveis pela seleção das obras que integram o catálogo. Os livros didáticos aprovados no PNLD para obras didáticas de 2020 são válidos para uso até o fim do ano letivo de 2023.

¹ Para a utilização do termo, tomamos como referência Marcuschi (2010).

² A Educação Básica abrange educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Com alicerce teórico em Camara Jr. (2002 [1956]), Callou e Leite (2009 [1990]), Marcuschi (2008, 2010) e Mikaela Roberto (2016), partimos do princípio de que o reconhecimento das variáveis no ensino favorece compreensões sobre a língua e sobre a relação entre fala e escrita, com vistas ao potencial de evitar a invasão da fala na escrita.

Conforme menciona Melo (2015), “muitos autores investigam a fala, a variação linguística e suas interferências na aquisição da escrita convencional. Entretanto, a maioria das pesquisas está voltada à fase da alfabetização e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental [...]”, o que nos motiva focar o ensino do último ano do ensino fundamental, somada à previsibilidade por ser época de novas exigências nos usos das habilidades linguísticas, tanto na vida estudantil quanto no início da jornada de aprendizado profissional do aluno.

Sendo assim, as perguntas de pesquisa que nos instigam a realizar essa investigação são: 1 - A oralidade dispõe espaço razoável no livro didático do último ano do ensino fundamental? 2 - Processos fonético-fonológicos são utilizados em representação à oralidade nos livros didáticos? 3 - Os conteúdos selecionados se enquadram em alguma das três recomendações do quadro 1 (p. 11 deste trabalho), que dispõe sobre o tratamento da ‘**relação entre fala e escrita**’ da BNCC? 4 - Qual categoria de processos fonético-fonológicos, das consideradas na seção 2.2 deste trabalho, foi a mais recorrente nos livros didáticos?

Com o intuito de responder a estes questionamentos, o nosso objetivo geral foi analisar o lugar da oralidade e das variações fonéticas nos conteúdos de dois livros didáticos do 9º ano selecionados pelo PNLD 2020: *Alpha Língua Portuguesa 9* (Nogueira; Marchetti; Cleto, 2018) e *Português: conexão e uso* (Delmanto; Carvalho, 2018). Para tanto, adota-se a fonte de dados documental para a pesquisa, que é de caráter exploratório e descritivo por amostragem, em caráter qualitativo e quantitativo.

A fim de atender a essa questão mais geral, propomos como objetivos específicos: levantamento bibliográfico sobre a relação entre fala e escrita no ensino; sobre a previsibilidade para a relação entre fala e escrita para o 9º ano na BNCC e; sobre os processos fonético-fonológicos.

Para atingirmos tais propósitos, organizamos esta monografia em cinco capítulos:

- ✓ No primeiro capítulo, a introdução situa o tema e apresenta o problema e os objetivos;
- ✓ O segundo capítulo consiste da fundamentação teórica e da revisão da literatura de apoio;
- ✓ O terceiro capítulo é dedicado à metodologia, aos dados da pesquisa e suas fontes;
- ✓ O quarto capítulo é composto pela análise e discussão de resultados;
- ✓ No quinto capítulo, assinalamos algumas considerações finais acerca desta pesquisa.

2 RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA

Ao fim do ensino fundamental, é previsível que o estudante se defronte a exigências referentes à competência expressiva, como em exames de seleção, que não raro exigem a elaboração de texto dissertativo. Variados trabalhos acadêmicos indicam a interferência da fala na escrita, especialmente na fase de aquisição e desenvolvimento desta modalidade.

A oralidade representa a variação linguística, que pode influenciar a produção do texto escrito com a “invasão” de marcas de oralidade. Uma finalidade de atividades didáticas que desenvolvam a consciência dos aspectos fonológicos da língua utilizada pelo aprendente é contribuir para progressos na escrita. “É preciso um aprofundamento do conhecimento da camada fônica da língua portuguesa para adentrar na fonologia vernácula, a fim de observar a origem dessas interferências” (Simões, 2006 *apud* Jesus, 2021, p. 35). Mas qual é o papel da escola na mediação entre as amplas possibilidades da fala e o caráter normativo da escrita?

A língua na forma oral é de aprendizado natural. A aquisição da linguagem se desenvolve naturalmente a partir da oralidade e independentemente da escola. A partir deste saber prévio, cabe ao ensino institucional orientar o desenvolvimento da modalidade grafada da língua. A aquisição das habilidades de leitura e de elaboração escrita está diretamente ligada à consciência fonológica. A correspondência entre som e letra é fundamento para as habilidades de leitura e de escrita, tão importantes para o indivíduo ao longo da vida. Bortoni-Ricardo (2006) aponta o desenvolvimento da consciência fonológica como requisito para qualquer método de alfabetização e argumenta em favor da inclusão de regras variáveis fonológicas como elemento importante no processo de conscientização linguística. Por toda a trajetória escolar, a fonologia faz parte das estratégias para desenvolver as habilidades de leitura e escrita. “Aprender a reconhecer palavras é a principal tarefa do leitor principiante, e esse reconhecimento é mediado pela fonologia” (Bortoni-Ricardo, 2006, p. 204).

Ao contrário da escrita, que é um sistema fechado, a fala tem caráter variável, e há muitos aspectos da fonética e da fonologia que enfocam esta variação. A fonética lida diretamente com a pronúncia. A cada vez que um mesmo vocábulo para um mesmo conceito é pronunciado, é uma possibilidade de variação. Então, a variação fonética é infinita. A fonética e a fonologia fazem a conexão entre a língua oral e a língua escrita.

Enquanto a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia irá estudar os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado. Assim, à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais,

distintivas, isto é, que se vinculam a diferenças de significação, estabelecer como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases (Callou; Leite, 2009, p. 11).

A língua oral comporta muito mais a diversidade que a língua proporciona, cabe à abordagem escolar dar conta também desse também lado cultural. A oralidade indica traços culturais e pessoais pela pronúncia. O desafio dos materiais didáticos impressos na abordagem dessas variações fonéticas é transpor por escrito diferenças que são sonoras.

A relação grafema-som-fonema se estabelece na reprodução escrita das sequências fônicas da nossa língua em que os sinais gráficos – grafemas ou letras - representam esses sons. A correspondência entre o número de letras e o de fonemas na língua portuguesa não é exata. Duas letras (dígrafo) podem representar um fonema, como é o caso de *rr*, *ss*, *ch* etc. O sistema ortográfico rege a representação fônica na língua escrita (Callou; Leite, 2009, p. 45).

Em trabalho que investiga a consciência fonológica em livros didáticos dos três primeiros anos do ensino fundamental I, Silva; Rodrigues; Monteiro (2018) apontam que as atividades propostas que estimulam a consciência fonológica, nos livros analisados, na série inicial tem na sílaba o elemento principal, no segundo ano o fonema é mais explorado e a sílaba volta a ser o elemento fonológico com maior enfoque no terceiro ano, porém com maior atenção para as regras ortográficas de separação de sílabas.

Os trabalhos que se propõem pesquisar a fonética e a fonologia nos processo de ensino e de aprendizagem da linguagem, especialmente em nível de ensino básico, se justificam pela importância em abordar a oralidade, modalidade linguística anterior à escrita na história da comunicação humana. De acordo com Madureira; Silva (2017, p. 88), lidar com a manifestação dos sons da fala, ainda que em atividades sobre as normas da escrita, proporciona ao educando reflexão acerca das diferenças entre as modalidades escrita e oral.

O processo de aprendizagem deve proporcionar reflexões ao aluno relativas à língua materna e que permitam a compreensão de que a fala e a escrita são modalidades que coexistem e complementam. Para lidar com uma realidade, no ensino e fora dele, em que pesa a perspectiva que supervaloriza a escrita, possivelmente encarando-a como cognitivamente superior à fala, Marcuschi e Dionisio (2005, p. 14) entendem, “tal como proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a necessidade de estudar as questões relacionadas à oralidade como um ponto de partida para entender o funcionamento da escrita”.

Como afirmam Koch e Elias (2012 [2008], p. 37, grifo do original), "escrever é uma atividade que exige do escritor **conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua**, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas de que

participamos como sujeitos". Sendo assim, as interações orais de caráter informal embasam o sujeito para o desenvolvimento das habilidades da língua escrita, regida por normas bem mais fixas e menos variáveis, que são apreendidas, sobretudo, na escola.

Os PCN (Brasil, 1998), de forma geral, já orientam o trabalho pedagógico sistematizado relacionando os gêneros orais e a escrita no ensino de língua materna. Diante dos propósitos de escrita e de fala que cabe ao ensino de língua portuguesa "é possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extra-escolares" (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 82) tendo sempre em vista a instrumentalização necessária para o exercício da cidadania e os contextos que vão dos informais aos eruditos.

Nessa perspectiva, ainda que às vésperas do ensino médio, as produções escritas dos alunos que apresentarem marcas da oralidade não estarão fora do esperado, e o processo evolutivo do aluno tende nortear o acompanhamento pedagógico para crescente domínio das regras de escrita e cada vez menos influências indevidas da oralidade nas produções escritas.

Espera-se do livro didático atividades que proporcionem ao professor levar o educando à reflexão sobre os sons da fala, o que abre os caminhos para que sejam pensadas as questões teóricas que fundamentam a Fonética e a Fonologia. "Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita" (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 82).

A escrita em língua portuguesa se baseia no princípio fonográfico, que prevê relações entre letras e fonemas, caracterizando-a como um sistema alfabético (Cagliari, 1994 *apud* Ferreira; Busse, 2019, p. 235), mas com "inúmeros casos de irregularidades, que por vezes, só são compreendidos quando aplicamos as regras convencionadas pela ortografia" (Ferreira; Busse, 2019, p. 235).

Para além dos habituais exercícios de memorização por repetição para a fixação, seja das regras de acentuação ou pela grafia de palavras, para a compreensão de fenômenos como a correspondência ou a falta de correspondência entre letras e fonemas "durante o processo de aquisição da escrita, o aluno necessita refletir sobre os aspectos que caracterizam os sistemas fonológico e ortográfico da língua" (Ferreira; Busse, 2019, p. 235); os processos fonético-fonológicos sistematizam marcas oriundas da oralidade e podem auxiliar na identificação da influência da fala na escrita.

2.1 RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Os documentos oficiais da educação embasam os caminhos formativos da educação básica e, por consequência, também guiam a seleção das obras didáticas a integrarem o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que é o programa governamental responsável pela seleção e distribuição das obras para todas as escolas públicas brasileiras de educação básica. Dentre as etapas do PNLD está a seleção das obras, que precisam passar pelas criteriosas avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação com a participação de Comissões Técnicas Específicas, integradas por especialistas das diversas áreas do conhecimento.

A principal referência na elaboração e seleção dos livros didáticos candidatos ao PNLD passou ser a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir da homologação da versão para as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, em 2017, e da versão mais completa, com a inclusão do Ensino Médio, em 2018.

A BNCC define as diretrizes pedagógicas para toda a educação básica brasileira. O documento carrega a pretensão da passagem de um ensino conteudista para o ensino de competências. No componente curricular de língua portuguesa para o ensino fundamental, o eixo oralidade apresenta as seguintes **práticas orais** pertencentes ao campo da **relação entre fala e escrita**, que serão objeto de análise se são contempladas pelos conteúdos extraídos dos livros didáticos:

Quadro 1. Tratamentos práticas orais - Relação entre fala e escrita

- Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.
- Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros.
- Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

BNCC – Ensino fundamental (Brasil, 2018)

A Constituição fornece previsão para o estabelecimento de conteúdos mínimos: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação

básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (Brasil, 1988, Art. 210).

Em relação às tendências pedagógicas da BNCC, Berthier (2021) ressalta diferenças entre as primeiras versões da BNCC, elaboradas em 2015 e 2016, durante a Presidência de Dilma Rousseff, “resultado do trabalho de profissionais especialistas da educação, as quais receberam contribuições da sociedade e educadores, através de consulta pública ou seminários realizados para este fim” (Souza, 2019 *apud* Berthier, 2021, p. 8), e as últimas versões, em 2017 e 2018, sob maior influência dos ideários neoliberais, resultantes do trabalho de equipe nomeada durante o governo de Michel Temer.

Historicamente, a BNCC é resultado de um longo processo de discussão e debates, os quais contaram com a participação não só de representantes governamentais, como também de profissionais da área da educação e de entidades públicas ou privadas. Segundo Souza (2019, p.81), a BNCC foi uma “[...] verdadeira arena de disputas entre diversos setores da sociedade, envolvendo interesses das mais diferentes ordens” (Berthier, 2021, p. 11).

Antes da BNCC, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que não eram a fixação de conteúdos mínimos referida no Artigo 210 da Constituição, estavam entre as principais referências para a elaboração de obras didáticas e para a seleção do PNLD.

Os PCN foram publicados em 1998, sem caráter normativo, de observância não-obrigatória, pelo Ministério da Educação para orientar as práticas de ensino no país, como resposta às carências, inclusive de investimentos, de uma educação brasileira que precisava melhorar seus índices avaliativos. Os PCN forneceram subsídios para a elaboração da BNCC, no componente de Língua Portuguesa, pela perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem.

Os PCN de língua portuguesa e a BNCC se baseiam no conceito de texto organizado em gêneros. O estudo dos gêneros textuais, surgido com Platão e Aristóteles (cf. Marcuschi, 2008), ganha força na “linguística de maneira geral, mas em particular nas perspectivas discursivas” (Marcuschi, 2008, p. 152).

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (Marcuschi, 2008, p.155).

A concepção de abordagem representada nos documentos norteadores, como os PCN e a BNCC, para o ensino de língua portuguesa no Brasil é a sociointeracionista (Moura, 2019, p. 45). Mais que um sistema teórico de regras, esta concepção parte do princípio de língua como atividade social, interativa e cultural nas modalidades falada e escrita.

2.2 PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Processos fonético-fonológicos é a denominação que neste trabalho será adotada em referência às modificações fonéticas, identificáveis na história e também em curso na língua portuguesa. Estas alterações em nível fonético lidam com a previsibilidade de mudanças de dado idioma e são tradicionalmente mais conhecidas por processos fonológicos.

Os processos fonético-fonológicos são referentes às formas diferentes de se pronunciar o mesmo vocábulo, ou até sentenças maiores, sem implicar mudança de significado. Esta variação fonética proveniente da fala atua sobre a estrutura silábica das palavras. Seu estudo contribui para a compreensão das influências provocadas pela oralidade sobre o processo de escrita para sanar eventuais erros e aprimorar a habilidade da escrita.

Antes da consolidação do termo “processos fonológicos”, alguns destes são chamados por “mudança fonética” em Camara Jr. (2002 [1956]), que, na p. 173 (grifos da obra), define “mudanças”: “as mudanças que com o correr do tempo se verificam numa língua e dela constituem a história interna, sob todos os aspectos possíveis. Também se dizem *permutas* ou *câmbios*. Há, portanto, 1) mudança fonética, que não se deve confundir com metaplasmo”. Para o autor, os metaplasmos lidam com a variação fonética apenas no panorama histórico da evolução da língua, não sendo a denominação aplicável para as mudanças em curso, como a concorrência de variantes sincronicamente.

De acordo com Callou; Leite (2009, p. 43-44), “A língua é dinâmica por sua própria natureza e está sujeita a modificações. Em qualquer momento, quando se combinam elementos para formar palavras ou frases ocorre uma série de modificações, determinadas por fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos”.

Aos fenômenos de fala tradicionalmente referidos na literatura por processos fonológicos, Roberto (2016) destaca o valor fonético, mais adequado às mudanças oriundas da fala. “Processos fonéticos e fonológicos são fenômenos de alteração que ocorrem com os fonemas e fones, podendo ser estudados numa perspectiva diacrônica (em que são também conhecidos como **metaplasmos**) ou sincrônica.” (Roberto, 2016, p. 117, grifo da autora).

Mateus *et al.* (2003, p. 990, grifos originais), fazem distinção entre os níveis fonológico e fonético, trazendo, na obra citada, a distinção entre processos fonológicos e processos fonéticos: “Os segmentos fonológicos situam-se num nível abstracto, o **nível fonológico**, que é subjacente em relação ao nível de superfície, o **nível fonético**. A identificação dos segmentos baseia-se nos dados empíricos do nível fonético [...]”.

Silva (2021) aborda tema dos “processos fonológicos e erros ortográficos” em trabalho justificado pela importância de professores investigarem os fenômenos linguísticos que estão para além dos “erros” gramaticais para elucidar e auxiliar os alunos a minimizar os episódios de desvios das regras gramaticais vigentes e estabelecidas dos padrões de escrita da língua portuguesa. A autora apresenta proposta de atividade didática que objetiva auxiliar os alunos no desenvolvimento de reflexões sobre os processos fonológicos e a ortografia de sua língua escrita. “[...] Muitas vezes o aluno do Ensino Fundamental II chega à escola com uma carga anterior de conhecimento sobre a língua oral, mas desconhece o fato de que a língua escrita é um sistema fechado e possuidor de regras definidas” (Silva, 2021, p. 15).

Melo (2015) também enfoca os processos fonológicos presentes na escrita. Na pesquisa, a autora explicita os processos fonológicos mais recorrentes na materialização na escrita de estudantes do 9º ano de uma escola pública de Pernambuco. A análise, em produções textuais, dos desvios que mais interferem no domínio da escrita ortográfica fornece subsídios para estratégias que relacionem a importância do estudo de aspectos da fonética e da fonologia com a escrita. “Interessa-nos [...] reflexões acerca das relações que se estabelecem entre a oralidade, a variação linguística e suas interferências na escrita ortográfica, pois, em nossas aulas destinadas à produção textual, nos vêm chamando atenção as dificuldades dos alunos para grafar as palavras” (Melo, 2015, p. 15).

Sobre as categorizações dos processos fonético-fonológicos:

Há diferentes classificações para os processos fonológicos, que geralmente se caracterizam por serem de supressão, adição, transposição e substituição, não havendo consenso entre os estudiosos quanto à quantidade e nomenclatura. Segundo Yavas, Hernandoreña e Lamprecht (1991), o número de processos fonológicos varia entre oito e 42, sendo treze os mais comuns em língua portuguesa (Roberto, 2016, p. 118).

Neste trabalho, os processos fonéticos-fonológicos são categorizados em três grupos:

- por eliminação ou fusão de um ou mais segmento(s);
- por acréscimo de um ou mais segmento(s);
- por mudança de posição do segmento, do acento ou mudança da qualidade do segmento.

Quadro 2. Processos por eliminação ou fusão de segmento(s)

TIPO	EXEMPLOS	EXPLICAÇÃO
AFÉRESE	<u>est</u> á ~ “tá” ainda ~ “inda”	“Mudança fonética que consiste na queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial (uma ou mais sílabas) de uma palavra” (Dubois <i>et al.</i> , 2004: 29).

SÍNCOPE	Botijão ~ “bojão” para ~ “pra”	“Fenômeno muito frequente de desaparecimento de um ou mais fonemas no interior de uma palavra” (Dubois, 2004: 551).
APÓCOPE	cinema(tógrafo) foto(grafia) falar ~ “falá” lápis ~ “lápi”	“É uma mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra” (Dubois <i>et al.</i> , 2004: 62).
ELISÃO	merend[i]scolar falh[u]mana	Perda da vogal final provocada pelo encontro com a vogal inicial do vocábulo seguinte.
CRASE ou DEGEMINAÇÃO	Fui à festa. Refiro-me àquele filme. menin[a]lgre coordenador ~ c[o]rdenador	“O fenômeno não é de apagamento de uma das vogais, mas de fusão entre elas, por serem iguais” (Roberto, 2016: 127).

Quadro 3. Processos por acréscimo de segmento

TIPO	EXEMPLOS	EXPLICAÇÃO
PRÓTESE	voar ~ “ <u>a</u> voá” levantar ~ “ <u>a</u> levantá”	Inserção de segmento em início de vocábulo.
EPÊNTESE	pneu ~ “pineu” ou “peneu” advogado ~ “adivogado” ~ “adevogado”	Inserção de segmento no interior/meio do vocábulo.
EPÍTESE ou PARAGOGE	Judith > Judit <u>e</u> club > club <u>e</u> chopp > chope <u>e</u>	Acréscimo em fim de vocábulo: palavras de origem estrangeira convertidas à língua portuguesa.

Quadro 4. Processos comuns por mudança de posição do segmento, do acento ou de qualidade

TIPO	EXEMPLOS	EXPLICAÇÃO
METÁTESE (mudança de posição do segmento)	táb <u>u</u> a ~ “ta <u>u</u> ba”	Transposição das semivogais [j] ou [w] representadas pelos grafemas I e U.
	per <u>g</u> unta ~ “p <u>r</u> gunta” pro <u>u</u> curar ~ “p <u>r</u> curar” iogur <u>t</u> e ~ “iogur <u>t</u> e”	Transposição da vibrante (tepe [r]), representado pelo R.
HIPERBIBASMO (mudança de posição do acento)	rubrica ~ “rúbrica” Nobel ~ “Nóbel” ru.im (oxítone) ~ ruim (como se fosse monossílabo)	Diferente dos outros processos descritos, que referem a alterações que envolvem vogal, consoante, semivogal ou de sílaba(s) inteira(s), este designa a alteração do acento tônico.
Mudança de qualidade do segmento	mulher ~ “muler”	Perda do traço de palatal [ʎ], que se transforma em consoante alveolar [l].
	mesmo ~ “mermo”	Transformação de fonemas consonantais em tepe [r].

3 METODOLOGIA E DADOS

De dois livros didáticos de língua portuguesa para o 9º ano do catálogo do PNLD 2020 (Brasil, 2020) extraímos os dados. Ambos foram escolhidos tendo como critérios: (i) adoção em escolas integrantes do PNLD das cinco regiões brasileiras; (ii) viabilidade de acesso ao manual do professor. Com isso, nossas fontes são: *Geração Alpha Língua Portuguesa 9* (Nogueira; Marchetti; Cleto, 2018), doravante livro didático 1, obra coletiva das Edições SM, é dividido em oito unidades; os conteúdos de interesse foram selecionados nas unidades 1, 2, e 5. O outro volume pertence à coleção *Português: conexão e uso* (Delmanto; Carvalho, 2018), obra da Editorial Saraiva, doravante livro didático 2, que está organizado em oito unidades, cujos conteúdos da área de interesse foram selecionados nas unidades 1 e 4.

3.1 LIVRO DIDÁTICO 1

A abertura da primeira unidade põe questão provocativa sobre as relações entre fala e escrita: “De que forma a pronúncia das palavras pode nos induzir a cometer desvios na ortografia e na acentuação em relação à norma-padrão?” (Nogueira; Marchetti; Cleto, 2018, p. 9). Depois (p. 34-35), sob a abordagem da ortoépia e da prosódia, temos:

Figura 1. Caput e tira sobre variação linguística, constante da pág. 34.



Fonte: Nogueira; Marchetti; Cleto, 2018, p. 34.

Sem qualquer menção a nomenclaturas mais técnicas que remetam à fonética ou à fonologia, a tira que encabeça atividades posteriores apresenta a palavra foneticamente modificada pelo personagem: “**discurpe**”. Quatro questões se seguem à tira correlacionando o contexto comunicativo à norma-padrão, ortografia e às características sociais do personagem,

contendo, no livro do professor, orientações para que este trabalhe com os alunos as questões da variação linguística, a tolerância “ao uso de palavras com ortografia diferente da norma-padrão” (Nogueira; Marchetti; Cleto, 2018, p. 34) e os contextos comunicativos.

Em seguida, os processos fonológicos continuam sendo objeto através dos versos: “**Oiê, muié rendera / Oiê, muié rendá / Tu me ensina a fazê renda / Que eu te ensino a namorá**” (Domínio público). As quatro questões que se seguem acompanham orientação ao professor para que os versos demonstrem a supressão do *r* final dos verbos apresentados no infinitivo e que “espera-se que os alunos percebam que o uso da linguagem se relaciona ao contexto” (op. cit., p. 34), noção de adequação ao contexto que conduz ao entendimento de adequação comunicativa e de tolerância.

Após breve explicação sobre ortoépia e prosódia, chega-se à menção das variedades linguísticas, seguidas de palavras escritas em sua modalidade padrão e não-padrão, contemplando processos fonológicos de diversas ordens sem classificá-los e nem explicar a sistematização dos processos de mudança da língua que desde sempre opera na língua.

Figura 2. Exemplos de desvios ortográficos em razão da pronúncia, constante da pág. 35.

NÃO PADRÃO	PADRÃO	NÃO PADRÃO	PADRÃO
adevogado	advogado	imbigo	umbigo
aerosol	aerossol	largatixa	lagartixa
aterisar	aterrissar	mendingo	mendigo
bandeija	bandeja	mineirador	minerador
bebedor	bebedouro	mulçumano	muçulmano
beneficiência	beneficência	prazeiroso	prazeroso
cabeçário	cabeçalho	previlégio	privilégio
cabelereiro	cabeleireiro	salchicha	salsicha
desinteria	disenteria	sombrancelha	sobrancelha
esteriótipo	estereótipo	supérfulo	supérfluo

Fonte: Nogueira, Marchetti, Cleto; 2018.

O exercício a seguir também se relaciona à língua oral, a partir da qual, em determinadas palavras, a mudança fonética pode exercer alteração na sílaba tônica, um dos segmentos de processos fonológicos descritos na seção 2.2 deste trabalho. A exceção de recorde, as outras palavras não tendem a constar no vocabulário de estudantes de tal faixa etária, deve ser necessário, talvez, explicá-los significados, através de verbetes ou não, sendo

necessária a conscientização do aluno para a importância da ampliação conhecimento lexical. Pede-se que os alunos destaquem a sílaba tônica, a fim de evitar dúvidas de pronúncia:

Quadro 5. Exercício sobre sílaba tônica em palavras suscetíveis a desvio fonético

Exemplo: condor > dor		
a) austero	d) rubrica	g) ureter
b) fluido	e) recorde	h) ínterim
c) gratuito	f) ruim	i) sutil

Fonte: Nogueira, Marchetti, Cleto; 2018; pág. 35

Ainda na página 35, uma nota, intitulada “O novo acordo ortográfico da língua portuguesa”, apresenta de forma básica a unificação da escrita nos países de língua portuguesa, que vigora desde 2009. A página é completada com abordagem sobre expressões idiomáticas, ligadas e surgidas do uso corrente da língua e o desafio de entendimento que impõem a falantes não-maternos de cada língua. As expressões mencionadas são: “estar como pinto no lixo”, “voltar à vaca fria”, “segurar vela”, “pôr as barbas de molho” e “como um pinto molhado”, desta última, retirada do texto anterior, questiona-se o significado.

Ao final da unidade 1, dentre o esperado para conhecimentos linguísticos, destaque-se:

- Reconhecer e respeitar as variedades da língua falada;
- Compreender os conceitos de ortoépia e de prosódia.

A unidade 2 tem início com uma crônica de 1907, que trata da questão ortográfica:

Quadro 6. Trecho de: Artur Azevedo. Artur Azevedo. São Paulo: Global, 2014. p. 325-326

[...] Entretanto, reconhecendo embora a conveniência de simplificar e uniformizar a ortografia portuguesa, não faço, pessoalmente, questão de sistema. Desde que eu entenda o que está grafado, e haja boa sintaxe, o resto pouco me importa – tanto me faz o “f” como o “ph”.

Fonte: Nogueira, Marchetti, Cleto; 2018; pág. 44.

O trecho exemplifica a simplificação da sequência fônica, a variação por perda de segmento. Após o texto escrito há mais de 100 anos, as questões suscitadas relacionam-se basicamente a teoria textual e a concordâncias. Em nota explicativa, intitulada “Reforma da refforma”, o livro informa que a ortografia, que antes se aproximava do latim e do grego, em 1907, passou por mudanças com a proposta de seguir base fonética (op. cit., pág. 47), de forma breve, fazendo referência direta à correspondência fonema-grafema, aos quais denomina por “som” e “grafia”.

Destaque-se, ainda na unidade 2, abordagem sobre uma exposição intitulada “Menos: o certo do errado, o errado do certo”, de curadoria dos professores Ataliba de Castilho e Eduardo Calbucci, e suas atividades (op. cit., p. 48-49); a transcrição de um depoimento em vídeo da vlogueira Julia Tolezano intitulado “Menas” (op. cit., p. 58-59) e o trecho de um artigo escrito pelo linguística Sírio Possenti sob o título “Línguas mudam” e, também, suas respectivas atividades (p. 65): todas se relacionando com a variação linguística, os contextos de uso, a evolução da língua e a tolerância às variedades do idioma.

Na unidade 5, o texto central do capítulo 1, sobre roteiro de TV, representa as cenas da minissérie *Hoje é dia de Maria* (op. cit., p. 156-158). O texto fornece fatura de vocábulos em suas formas fonéticas com marcas provenientes da fala.

Quadro 7. Fragmentos de: Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho. Baseado na obra de Carlos Alberto Soffredini. *Hoje é dia de Maria*. São Paulo: Globo, 2005. p. 223-226. (grifos nossos)

Hoje é dia de Maria

[...]

MARIA

Inté tô achano que um é a parte que falta ao outro.

[...]

AMADO

Preciso de **falá**.

[...]

MARIA

Num diz isso! Deus **num** **havera** de **colocá** **nóis** dois no **mermo** caminho **pra mó** de **sê**, pra mim ou **procê**, um castigo... **Nóis** **recebemo** a bênção do amor divino... Depois **num** foi dos confim do céu que **ocê** veio...?

Fonte: Nogueira, Marchetti, Cleto; 2018; p. 156-158.

Nas atividades relacionadas ao referido texto, uma questão faz referência direta à variedade linguística, representada pelas palavras destacadas nos fragmentos do quadro 6: “A que grupo (ou grupos) de falante tal variedade linguística se vincula?” (op. cit., p. 161). A versão do professor orienta, para a questão, resposta relacionada às variações diastrática e diatópica. A concordância verbal é um tópico trabalhado nas páginas posteriores ao mencionado texto do capítulo, e algumas atividades que fazem referência a algumas palavras apresentadas na forma não-padrão serão reproduzidos a seguir:

Quadro 8. Atividade sobre concordância verbal e variação linguística, na pág. 169

2. Agora, leia esta fala de Maria.

MARIA

Nóis recebemo a bênção do amor divino...

a) As palavras *nóis* e *recebemo* não estão grafadas segundo a norma-padrão. O que determinou, no roteiro, essa forma de grafá-las? Segundo a gramática, essas palavras correspondem a que formas vigentes?

Fonte: Nogueira, Marchetti, Cleto; 2018.

A análise das palavras em desvio da norma no exercício tem enfoque apenas viés da concordância verbal, portanto, de teor morfossintático. Pode-se constatar que as mudanças sofridas por tais vocábulos, e os segmentos alterados, de forma isolada não entra em questão e, também nos exercícios desta seção *Língua na real*, assim como no capítulo. Mostra-se num quadro constante da versão do professor, que menciona a BNCC: “(CEPL01) A seção propicia compreensão da língua como fenômeno cultural, social, variável e sensível aos contextos de uso” (op. cit., p. 169); sem direcionar a abordagem sobre mudanças fonéticas para o aprofundamento nos processos fonológicos.

A seguir, sob o título *A concordância nominal e a expressividade*, a reprodução de um poema de Patativa do Assaré composto por palavras em que a grafia que remete à oralidade.

Quadro 9. Patativa do Assaré. Ispinho e fulô. São Paulo: Hedra, 2005. p. 25-26. (grifos nossos)**Ispinho e fulô**

É nascê, vivê e morrê

Nossa herança naturá

Todos têm que obedecê

Sem tê a quem se quexá,

[...]

Até a propa criança

Tão nova e tão atraente

Conduzindo a mesma herança

Sai do seu berço inocente,

[...]

Fora da infança querida

No seu uso de razão

Vê muntas fulô caída

Machucada pelo chão,

Pois vê neste mundo ingrato

Injustiça, assassinato

E uns aos outros presseguindo

E assim nós vamo penando

Vendo os ispinho omentando

E as fulô diminuindo.

[...]

Fonte: Nogueira, Marchetti, Cleto; 2018; p. 179.

O texto do grande poeta apresenta processos como apócope e metátese, além do alteamento vocálico e da supressão da marca de plural. As modificações fonéticas apresentadas fornecem possibilidades em se trabalhar a sistematização dos referidos fenômenos linguísticos, explicitando que a escrita não é a representação da fala, apresentando o sistema vocálico e a previsibilidade dos processos fonológicos presentes, o que não se viu.

3.2 LIVRO DIDÁTICO 2

Unidade 1: Na seção *Reflexão sobre a língua*, sob o título *Empréstimos: os estrangeirismos* (p. 24), a versão do professor apresenta a seguinte habilidade sobre o conteúdo: “(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso” (Delmanto; Carvalho, 2018, p. 24). A indicação que o tema conteúdo para se trabalhar grafia e a pertinência de usos não invalida a oportunidade para a abordagem da oralidade. Após abertura do tema com tradicional tira, interessa-nos a atividade 1, item f: “A palavra **telepizza** é composta pelo prefixo **tele-** e a palavra **-pizza**. Faça uma lista de palavras de seu cotidiano que levam esse prefixo e tente identificar o significado que ele acrescenta às palavras” (op. cit., p. 24, grifos originais): o item fornece oportunidade para abordar o processo da aférese em palavras como telenovela e telejornal. O referido exercício é seguido por trecho de uma crônica de Ivan Ângelo, intitulada “Palavras emprestadas”, em que são citadas as palavras: **omelete, clube, gangue, ringue, lorde, filme**: todas poderiam constar dos exemplos de epítese ou paragoge, aos quais não há menção.

Na página 26, em texto e atividade, *recorde* recebe menção como exemplo de vocábulo proveniente de outro idioma; a referida palavra fornece a possibilidade de reflexão sobre a estranheza em sua forma fonológica depois da incorporação à língua portuguesa, em possível configuração de processo de mudança de acento. A seguinte explicação sobre estrangeirismos poderia acompanhar explicação sobre fonética e fonologia:

Quadro 10. Trecho da explicação sobre estrangeirismos.

Estrangeirismos são palavras, construções e expressões de outras línguas que nos chegam por empréstimo [...] Em outros, são utilizados com adaptação fonológica e ortográfica, como em **futebol** e **garçom**.

Fonte: Delmanto; Carvalho, 2018, p. 26.

Na página 43, o tema direciona a processos fonológicos de eliminação de segmentos:

Figura 3. Início da abordagem sobre abreviação vocabular, constante da pág. 43.

Abreviação vocabular

1. Leia o poema. O título do poema faz referência a uma das estações da rede metropolitana da cidade de São Paulo (SP).

<p>Noite quieta. De repente, na rua, vozes, e um alvoroço breve. Silêncio de novo.</p>	<p>Noite alta em Tiradentes</p> <p>A vida simples De tantos gostos. Um grilo cricrila (a essa hora?) Brisa na cortina:</p>	<p>Por entre as dobras Passeia a lua. Amanhã cedo, sem o desejo de poder algum.</p>
--	---	---

CAPPARELLI, Sérgio. "Noite alta em Tiradentes". *A mais não poder*. Disponível em: <www.amaisnaopoder.com.br/metro/index.html>. Acesso em: 13 set. 2018.

(Fonte: Delmanto; Carvalho, 2018)

O poema parece ter sido selecionado por conter a palavra “cricrila” e por fazer referência ao metrô, ainda que não contenha a referida palavra. Aqui, interessa o exercício que se segue, no item d: “De que maneira formou-se a palavra **metrô**?” (op, cit., p. 43). O processo fonológico em questão é a apócope, ao qual não há qualquer menção, ainda que a mudança fonética possa ter surgido mais de uma escolha de denominação, que foi aderida pelos falantes, do que por vias espontâneas. Em Portugal, o referido sistema de transportes é denominado metro, com mudança na sílaba tônica.

O item 2 apresenta texto jornalístico sobre mudanças nas regras do futebol de salão. O texto justifica-se pela “abreviação vocabular” que passou a denominar o referido esporte, como mencionado no texto: “[...] Naquele ano, o futebol de salão, popular na América do Sul, e o futebol de cinco, praticado na Europa, foram fundidos e ganharam o nome de futsal” (Lopes, A. O que mudou nas regras do futsal nos últimos 20 anos?: **Superinteressante**, abr 2011 *apud* Delmanto; Carvalho, 2018, p. 43). A referência ao processo reducionista vocabular previamente determinado, motivado possivelmente por questões de marketing, ainda que posteriormente aderido pelos falantes, pode representar diferença quantos às outras modificações fonéticas resultantes da fala, também de ordem morfológica, em que a locução substantiva se funde em uma palavra. Das próximas atividades, interessa o item 3:

Quadro 11. Atividades sobre abreviação vocabular, com respostas da versão do professor

3. A abreviação vocabular é um mecanismo que dá origem a palavras por meio da redução de outras já existentes até o limite permitido pela compreensão.

a) Em seu dia a dia, você conhece outras palavras ou expressões que passaram por esse mesmo fenômeno? Explique. **Resposta pessoal:** Possibilidades: **Motocicleta: moto; bijuteria: biju; fotografia: foto; otorrinolaringologista: otorrino; extraordinário: extra.**

b) Na abreviação vocabular, ocorre perda de fonemas. Em sua opinião, qual é a intenção das pessoas quando abreviam uma palavra ou expressão? **Resposta pessoal.**

Fonte: Delmanto; Carvalho, 2018, p. 43.

Na unidade 4, interessa-nos, a seção *A língua não é sempre a mesma*, que apresenta o tema: A linguagem do *rap*. O livro do professor, para esta seção, evoca a **competência específica de língua portuguesa para o ensino fundamental**: “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades lingüísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (op. cit., p. 138) e a seguinte habilidade da BNCC: “(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada [...]” (op. cit., p. 138).

Para tais desenvolvimentos, foi selecionada música da qual a letra transcrita apresenta as marcas de oralidade através de processos fonológicos e gírias, por exemplo. A começar pelo título, o *rap* “**Us guerreiro**”, de Rappin’ Hood, tem versos como: “**Tão na correria como vive a maioria [...] Só os favelado, só os maloquero [...] Eu mando aqui um salve pras parceira e pros parceiro**” (op. cit., p. 138, grifos nossos). Após o texto da referida canção, faz referências à variante em questão, à intencionalidade presente nas marcas linguísticas e à norma-padrão. A destacar as seguintes atividades sobre as mudanças fonéticas:

Quadro 12. Atividades da seção *A língua não é sempre a mesma*.

Procure no texto e anote no caderno exemplos de:

1. termos próprios da linguagem oral: **Tão, pro, us**
4. ausência do ditongo **ei**, que existe na linguagem escrita mais formal: **Maloquero, parcero**

Fonte: Delmanto; Carvalho, 2018, p. 138.

Tendo em vista que as alterações acima transpostas na forma escrita são de origem fonética, a abordagem do tema visa, especialmente, desenvolver a percepção dos alunos para que os fenômenos fonéticos não resultem em desvios ortográficos. Entende-se, aqui, que a abordagem dos processos reducionistas representados pela aférese, pela contração informal, pelo alteamento da vogal e pela monotongação pudesse possibilitar a compreensão dos referidos fenômenos como parte previsível e sistemática, resultante de contextos silábicos específicos, apresentando, assim, exemplos da contínua evolução da língua.

A modalidade oral da língua é contemplada pelo livro didático com atividades para a transcrição de texto oral para a modalidade escrita, atividades de escuta, produção oral, participação de escuta ativa etc. A crase, outro processos fonético-fonológico, aparece em abordagem sobre a colocação do acento grave no contexto sintático, como de praxe, mais próxima da instrumentalização ao que pedem as provas dos concursos admissionais que da compreensão do fenômeno pelo viés das interações práticas.

4 ANÁLISE

Os resultados obtidos com a investigação dos conteúdos que lidam com a relação entre fala e escrita nos livros didáticos em análise, revelaram que, de um modo geral, podemos perceber que na série final o foco transita entre a transmissão da compreensão sobre a variabilidade da língua falada e a conscientização do caráter normativo da escrita.

A primeira pergunta que a pesquisa responde é: “A oralidade dispõe espaço razoável no livro didático do último ano do ensino fundamental?”. Concluímos que a oralidade e suas relações com a escrita dispõem de razoável espaço nos livros didáticos verificados, porém sem menção à fonética ou à fonologia. Esta conclusão era esperada, tendo em vista que a BNCC dispõe de eixo programático exclusivo para oralidade.

A segunda pergunta que a pesquisa responde é: “Os processos fonético-fonológicos são usados nos livros didáticos em representação da oralidade?”. Identificamos consideráveis conteúdos que trabalhem os processos fonético-fonológicos representando a oralidade. Porém, não foi comum, em ambos os livros, a nomeação dos tipos destes processos. A identificação de processo fonético-fonológico por “abreviação vocabular” encontrada difere da denominação mencionada na seção 2.2 deste trabalho.

A terceira pergunta a ser respondida é: “Os conteúdos selecionados se atentam às três recomendações do quadro 1 (p. 11 deste trabalho), que dispõe sobre o ‘tratamento das práticas orais’ – ‘relação entre fala e escrita’ da BNCC?” “A relação entre fala e escrita se estabelece, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam [...]” (Brasil, 2018) no quadro 6, crônica de Arthur Azevedo escrita em 1907, que exemplifica, através de texto jornalístico escrito que ainda que a ortografia tenha passado alterações, os fonemas são os mesmo e, portanto, oralização não sofreu alteração. A tira, reproduzida na figura 1 (p. 16) é oferece oportunidade para “oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais” (Brasil, 2018). “Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto” (Brasil, 2018) pode ser exemplificada pela versificação do rap o rap “**Us guerreiro**”, de Rappin’ Hood (p. 23), que pode gerar atividade semelhante e reflexão sobre opção linguística do artista ao optar por tais variações fonéticas.

A quarta questão: “Qual categoria, das apresentadas na seção 2.2 deste trabalho, foi a mais recorrente nos livros didáticos? Constatamos equilíbrio de recorrência entre os processos por eliminação ou fusão e também por mudança de posição do segmento, do acento ou de qualidade nas amostras, ambos os grupos relacionados à acentuação gráfica tônica ou por indicação de crase, tópicos de abordagem tradicional no ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, partiu-se do princípio da importância do trabalho com a oralidade também para desenvolver a habilidade de produção escrita. Por isso, seria importante estudar as relações entre fala e escrita no ensino básico.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral verificar o espaço a concedido conteúdos que incluam a modalidade falada da língua no ensino de língua portuguesa. Constata-se que o objetivo geral foi atendido, porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que determinadas especificidades da fala são abordadas no ensino básico.

O objetivo específico inicial foi verificar na BNCC a previsibilidade a conteúdos que lidem com a relação entre fala e escrita. A BNCC possui um eixo específico dedicado à oralidade e diversas diretrizes e habilidades que prevêm este tipo de conteúdo, tanto para o nono ano quanto para os anos finais do ensino fundamental. Para tanto, utilizamos como base as recomendações da BNCC para o trabalho docente sobre a **relação entre fala e escrita**, que foi reproduzido no quadro 1 deste trabalho e pertence ao **Eixo da Oralidade**.

O segundo objetivo específico foi verificar conteúdos relacionados à oralidade e à variação fonética no livro didático 1. A meta foi atendida pela variedade desse conteúdo encontrado nas unidades selecionadas do referido material e transposto no trabalho. O material sobre essas variações resultantes da fala foi considerado diversificado.

O terceiro objetivo específico foi verificar conteúdos relacionados à oralidade e à variação fonética no livro didático 2, sendo atingido por apresentar, nas unidades selecionadas, o conteúdo pertinente, que foi reproduzido no trabalho. É possível considerar também diversificado o espaço dedicado a estas modificações resultantes de práticas orais.

Quatro questões nortearam a pesquisa: 1 - A oralidade dispõe espaço razoável no livro didático do último ano do ensino fundamental? 2 - Processos fonético-fonológicos são utilizados em representação à oralidade nos livros didáticos? 3 - Os conteúdos selecionados se enquadram em alguma das três recomendações do quadro 1 (p. 11 deste trabalho), que dispõe sobre o tratamento da '**relação entre fala e escrita**' da BNCC? 4 - Qual categoria dos processos fonético-fonológicos, das apresentadas na seção 2.2 deste trabalho, foi a mais recorrente nos livros didáticos?

Por fim, respondidas as quatro questões norteadoras, pudemos chegar à resposta de que as duas categorias que comportam os processos fonético-fonológicos referentes à acentuação gráfica de tonicidade ou indicativa de crase se equivaleram nas recorrências dos conteúdos dos livros didáticos em questão.

REFERÊNCIAS

- Arquivado processo sobre livro do MEC que defendia “norma popular” da língua portuguesa. **Estado de Minas**, [s.l.], 01 jul 2011. Nacional. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2011/07/01/interna_nacional,237396/arquivado-processo-sobre-livro-do-mec-que-defendia-norma-popular-da-lingua-portuguesa.shtml. Acesso em: 15 jul 2024.
- BERTHIER, Roselle. **O trabalho educativo em Língua Portuguesa e a BNCC: uma análise crítica das bases legais e tendências pedagógicas**. 2021. 62 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **Scripta**, v. 9, n. 18, p. 201-220, 9 mar. 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, DF: Senado Federal, [2023]. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 ago 2023.
- BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia Digital do PNLD 2020 – Obras Didáticas**. Brasília, DF: FNDE, 2020. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020. Acesso em: 01 set 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 ago 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (ensino fundamental)**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11.ed. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 2009 [1990].
- CAMARA JR. J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 24.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 [1956].
- DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz. **Português: conexão e uso, 9º ano**. São Paulo, SP: Saraiva, 2018.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxana Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- DOURADO, Zildenor F. **Discurso, preconceito linguístico e manipulação da informação: estudo de caso sobre a polêmica, na imprensa, dos supostos “erros” de português em livro do MEC**. 2011. 50 f. Monografia (licenciatura em Língua Portuguesa e respectivas literaturas). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. 9.ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2004.

FERREIRA, Adriana A.; BUSSE, Sanimar. Processos fonológicos e escrita ortográfica em produções textuais do ensino fundamental. **Domínios de Lingu@gem** | Uberlândia, MG | vol. 13, n. 1 | jan. – mar. 2019 – p. 233-256.

JESUS, Simone P. **Interferências de processos fonológicos na escrita de estudantes do ensino fundamental da cidade de Pelotas/RS**. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana (BA), 2021.

KOCH, Ingedore V; ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012 [2008].

MADUREIRA, André L. G.; SILVA, Fabrício O. da. Fonética e fonologia na docência: contribuições para o processo de ensino a aprendizagem da linguagem. **Educação em foco**, ano 20, n. 31 – mai/ago 2017 – p. 73-94.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz. A; DIONISIO, Angela P. (org). Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. *In: Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 13-30.

MASCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* Fonologia. *In: _____*. **Gramática da língua portuguesa**. 5.ed. Lisboa, PT: Caminho, 2003. p. 987-1032.

MELO, Sandra M. M. S. e. **Processos fonológicos presentes na escrita: um estudo de caso com alunos do 9º ano de uma escola da rede estadual do Recife**. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

MOURA, Diana D. S. de. **Atividades para o ensino de gêneros orais em livros didáticos de língua portuguesa: refletindo sobre as contribuições para o uso do oral em situações sociais escolares e extraescolares**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta; CLETO, Mirella. **Geração Alpha Língua Portuguesa: 9º ano**. 2.ed. São Paulo, SP: Edições SM, 2018.

ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo, SP: Parábola, 2016.

SILVA, C.T.S.; RODRIGUES, J.N.B.; MONTEIRO, L.J. Revista (CON)TEXTOS Linguísticos • Vitória – v.12, n. 23, 2018 • p. 28-45

SILVA, Elizabeth dos S. **Processos fonológicos e erros ortográficos: proposta de intervenção – gamificação no ensino de língua portuguesa**. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS) Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras e em Rede Nacional, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.